



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESCOLA QUE PROTEGE**

**O ESTUDO DA OSTENTAÇÃO DO CORPO JUVENIL: AS TÉCNICAS  
CORPORAIS COMO MEIO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO**

**Nossa Senhora da Glória-SE  
2015**

**AÉCIO MÁRIO PEREIRA  
LUCIANA FONSECA MENDONÇA**

**O ESTUDO DA OSTENTAÇÃO DO CORPO JUVENIL: AS TÉCNICAS  
CORPORAIS COMO MEIO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO**

Proposta de Plano de Intervenção apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação CESAD da Universidade Federal de Sergipe, como um dos pré-requisitos para conclusão da Especialização *Lato-Sensu* Direitos Infantes-Juvenis no Ambiente Escolar.

**Orientador(a): Anabela Maurício de Santana  
Tutor(a): Anabela Maurício de Santana**

**Nossa Senhora da Glória-SE  
2015**

À Deus, que nos deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidade.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por ter nos dado força e inteligência para superar as dificuldades ao longo do curso.

A esta universidade, ao corpo docente, direção e administração que nos atenderam diante das dúvidas e necessidades.

A nossa orientadora Anabela Maurício de Santana pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

Aos nossos pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte das nossas formações, o nosso muito obrigado.

*“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.*

*(Fernando Pessoa)*

## RESUMO

Este Plano de Intervenção tem o objetivo de investigar a ostentação do corpo do jovem adolescente e as técnicas corporais técnica como um processo significativo, que leva o corpo que dança a observação e a descobrir novas formas de se ver. Os sujeitos da pesquisa são adolescentes do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio da Escola Estadual 28 de Janeiro, localizada na cidade de Monte Alegre/SE. A hipótese desta proposta de intervenção, é que a dança promova uma nova percepção do corpo no adolescente, levando-o a perceber seu corpo como uma esfera de ocorrências variadas, possibilidades e experimentos, a partir daí deste processo de percepção que acontece a recongnição. É perceptível em adolescentes que já experimentaram a prática da dança, o desenvolvimento de um olhar significativo sobre o seu corpo e por consequência a constatação de um equilíbrio no tocante as frivolidades oriundas da adolescência. Salienta-se ainda que o processo da dança imbuída no trabalho com as técnicas corporais é um elemento chave para a ressignificação do corpo, uma vez que tal processo permite novas atribuições no âmbito da cognição. É no ato de dançar que o corpo que dança, olha-se com um novo olhar, enxergando novos significados.

**Palavras chave:** Corpo juvenil; Ressignificação; Técnicas corporais.

## **ABSTRACT**

This Intervention Plan aims to investigate the young teenager's body ostentation and technical body techniques as a significant process that takes the dancing body observation and discover new ways of seeing. The subjects are teenagers of elementary school (final years) and High School of the State School January 28, located in Monte Alegre / SE. The hypothesis of this intervention proposal is that dance promotes a new perception of the body in adolescents, leading him to realize your body as a sphere of various occurrences, possibilities and experiments, from there this perception process that happens to recognition . It is noticeable in adolescents who have tried the practice of dance, developing a meaningful look over her body and consequently the finding a balance regarding those from adolescence frivolities. Note also that the dance process imbued the work with the body techniques is a key element for the redefinition of the body, as this process allows new powers under cognition. It is in the act of dancing that the dancing body, looks up with a new look, seeing new meanings.

Key words: Juvenile Body; Reframing; Body techniques.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>11</b>
2.1 Objetivo Geral .....	11
2.2 Objetivos Específicos .....	11
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>12</b>
<b>3. AS QUESTÕES FRÍVOLES DA ADOLESCÊNCIA</b> .....	<b>12</b>
3.1 A LINGUAGEM DA DANÇA: A FORMAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	14
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>18</b>
<b>4. AS TÉCNICAS CORPORAIS COMO MEIO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE</b> .....	<b>18</b>
4.1 OFICINAS DE TÉCNICAS CORPORAIS, UMA AÇÃO PEDAGÓGICA .....	23
4.2 A APRENDIZAGEM SITUADA .....	24
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>26</b>
<b>5. OS VALORES SIGNIFICATIVOS E A EDUCAÇÃO FAMILIAR</b> .....	<b>26</b>
5.1 EXPRESSÕES E VALORES NO INDIVÍDUO EM FORMAÇÃO .....	27
5.1.1 As Diferenças no Coletivo Escolar .....	29
5.2 A OFERTA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE MONTE ALEGRE DE SERGIPE/SE.....	30
5.2.1 Perfil Docente.....	34
5.2.2 Perfil Discente .....	35
5.3 CONHECENDO A CIDADE DE MONTE ALEGRE/SE.....	35
5.4 DIAGNÓSTICO .....	39
5.5 DIALOGANDO COM OS DOCENTES.....	39
<b>6. METODOLOGIA</b> .....	<b>41</b>
<b>7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES</b> .....	<b>43</b>
7.1 CRONOGRAMA DE AÇÕES DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	43
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>44</b>
<b>APÊNDICE - 1</b> .....	<b>47</b>
<b>DIÁRIO DE BORDO</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE-2</b> .....	<b>48</b>
<b>QUESTIONÁRIO DOCENTE</b> .....	<b>48</b>
<b>ANEXO-1</b> .....	<b>50</b>
<b>AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM</b> .....	<b>50</b>
<b>ANEXO-2</b> .....	<b>51</b>
<b>ANEXO-3</b> .....	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta proposta de plano de intervenção objetiva investigar a ostentação do corpo do jovem adolescente e as técnicas corporais como um processo significativo, que leva o corpo que dança a observação e a descobrir novas formas de se ver. Os sujeitos da pesquisa são adolescentes do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio da Escola Estadual 28 de Janeiro, localizada na cidade de Monte Alegre/SE.

É grande desafio para o educador levar o seu alunado a formar um novo olhar sobre o próprio corpo diferenciado do contexto natural que se encontra, neste caso é a fase do adolecer, onde se percebe as excessivas comparações e competições corporais em coletivo escolar, gerando no adolescente o estímulo ao culto exacerbado ao corpo, a supervalorização de bens materiais e os gestos ostensivos no corpo juvenil.

A proposta deste plano de intervenção, é que a dança promova uma nova percepção do corpo no adolescente, levando-o a perceber seu corpo como uma esfera de ocorrências variadas, possibilidades e experimentos, a partir daí deste processo de percepção que acontece a reconição.

Para tanto é estruturada uma proposta interventiva com oficinas de dança para estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual 28 de Janeiro. Desta forma, as oficinas de danças baseadas no trabalho com técnicas corporais que conduzirá o público-alvo em questão a pensar o seu corpo não apenas como espaço de vaidade e ostentação, mas sim como meio de conhecimento e possibilidades.

É perceptível em adolescentes que já experimentaram a prática da dança, o desenvolvimento de um olhar significativo sobre o seu corpo e por consequência a constatação de um equilíbrio no tocante as frivolidades oriundas da adolescência. Salienta-se ainda que o processo da dança imbuída no trabalho com as técnicas corporais é um elemento chave para a ressignificação do corpo, uma vez que tal processo permite novas atribuições no âmbito da cognição. É no ato de dançar que o corpo que dança, olha-se com um novo olhar, enxergando novos significados.

Para elaboração desta proposta, buscou-se compreender o corpo por meio de técnicas corporais, procurando observar o processo da técnica por meio de sua sistematização, sua aplicação e seus resultados em alunos que já vivenciaram a experiência com essa técnica, como também foram realizadas análises bibliográficas de obras que retratam essa técnica, com o intuito de perceber como ela influencia no autoconhecimento corporal, a experimentação da técnica, através da aplicação de oficinas, e a coleta de dados.

Por conta das razões aqui elencadas, considera-se que este plano tem relevância significativa não somente a Unidade escolar e seu público-alvo, mas também para a sociedade. Pensando assim pretendemos através do plano de intervenção, levar o (a) aluno (a) a pensar o seu corpo, não apenas como um espaço de vaidade, mas também como local de construção de novos conceitos e saberes.

A palavra intervenção quer dizer interferir, quando pedimos a alguém que fale com outra pessoa sobre um problema, esse alguém está fazendo uma intervenção, por isso chama-se plano/projeto de intervenção, visto que interfere em algo que já existe. O plano de intervenção é fundamental para promover a mudança no comportamento escolar, uma vez que planeja uma reforma em algo que vem sendo apresentado como um problema ou inviabilidade. No referido plano de intervenção é relevante a sua abordagem para área acadêmica para qualquer tempo e poderá até servir de consulta, e até mesmo pode ser alterado mediante as necessidades do contexto da unidade, da comunidade e sociedade local.

Assim, vale destacar que priorizaremos a pesquisa qualitativa, tendo em vista que de acordo com as questões e objetivos propostos, ela mostra-se relevante, pois irá permitir a coleta e análise dos dados de maneira aprofundada.

Como bem destaca Minayo (2007), a metodologia qualitativa verifica uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, pois se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado.

Desta forma a escolha desse tema partiu da nossa percepção, enquanto professora e professor, que identifica as expectativas e necessidades de desenvolvimento integral do seu alunado e propõe oportunidades educativas capazes de atendê-las, para isso buscamos como público alvo os (as) discentes da Escola Estadual 28 de Janeiro, uma vez que foi observado que os estudantes nesta fase do processo escolar, normalmente estão entre os 11 aos 17 anos de idade, fase da adolescência, momento de transformações físicas e psicológicas.

Deste modo tornou-se para nós extremamente importante, a execução deste Plano de Intervenção, sobretudo, no processo de formulação de métodos que possam minimizar problemas e contribuir de modo integral, buscando identificar suas necessidades de desenvolvimento no nível intelectual, físico, emocional, social, cultural.

Assim, a presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos e considerações finais. No capítulo I abordamos as questões fúteis da adolescência, contamos com TIERNO (2007), KIMMEL e WEINER (1998), ERIKSON (1972), URIOSTE (2013), SOARES (1998),

FORQUIN (1993), ROSA (2000), STRAZZACAPPA (2007), MARQUES (2008), PARANÁ (2008), ASSIS, SIMÕES e GAIO (2009) e PARO (2007).

No capítulo II pontuamos e discutimos as técnicas como meio de ressignificação e a prática da oficina de técnicas corporais como uma ação pedagógica. Assim, com o intuito de percorrer as discussões, contamos com: MAUSS (1950), MILLER (2007), LAKOFF & JOHNSON (1999), CERIBELLI (2008), entre outros, que contribuíram para a construção e discussão do nosso plano de intervenção.

No caso do capítulo III destacamos os valores significativos e a educação familiar, expressões e valores no indivíduo em formação, abordando as questões relativas às diferenças no coletivo escolar, além de tratar como se dá a oferta da educação pública na cidade de Monte Alegre/SE. Para isso dialogamos com ARIÈS (1981), KELEMAM (1996), UCHÔGA e PRODÓCIMO (2008), SAYÃO (2002), VAZ (2002), FOUCAULT (2005) e FINCO (2007).

Nas considerações finais, apontamos as perspectivas que se espera obter a partir das questões norteadoras e dos objetivos traçados. Assim, apresentamos uma breve apreciação do que pretendemos trabalhar futuramente com a implantação do plano de intervenção sem a intenção de esgotar a discussão, mas deixar os caminhos para novas pesquisas.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Investigar a ostentação do corpo do jovem adolescente e as técnicas corporais como um processo significativo;

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Levar o corpo que dança a observação e a descobrir novas formas de se ver;
- Instigar o alunado a formar um novo olhar sobre o próprio corpo diferenciado do contexto natural;
- Conduzir o público infanto-juvenil perceber seu corpo como uma esfera de ocorrências variadas, possibilidades e experimentos;

## CAPÍTULO I

### 3. AS QUESTÕES FRÍVOLES DA ADOLESCÊNCIA

De acordo com Tierno (2007), a adolescência consiste em ser uma longa etapa, que o ser humano passa a ter chegar à vida adulta, contém uma série de mudanças (físicas e psicológicas), conflitos (interiores e exteriores), a descoberta do corpo e da sexualidade. Trata-se também de uma fase de aceitação, da necessidade de ser aceito pelos outros e especialmente de ser aceito por si próprio. Quanto a questão da necessidade de ser aceito pelos outros, que no caso esses outros, são adolescentes do seu convívio social (da escola, do bairro e da academia).

É na fase da puberdade em que o corpo sofre mudanças, desenvolve-se fisicamente e mentalmente, este período por vezes se confunde com a adolescência, dado que a puberdade faz parte da adolescência. As mudanças iniciam por volta dos 11 anos. É na puberdade que o jovem cria e recria relações com o mundo externo. O adolescente passa a questionar e contestar o que os adultos dizem, determinam e orientam. Nesta fase também surgem os namoros, as instabilidades emocionais, as provocações e as vontades de conhecer as coisas e o mundo, inúmeros processos psicológicos para organizar um turbilhão de sensações e sentimentos.

As transformações físicas e psicológicas, nesse caso, é uma situação de adaptação do ser juvenil. Diante desta situação o corpo passa a formar uma nova identidade e afirmar seu posto no mundo, pois quando chega a puberdade, o adolescente não quer estar tão próximo do ninho protetor que é a família e assim passa a buscar fora de seu seio familiar outras influências e referências.

É por isso que, nessa fase, os amigos passam a ser até mais bem queridos, do que os próprios familiares e todas as escolhas e preferências colaboram para a formação da identidade. Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido estiver o sentimento de identidade, mas reconhece suas habilidades e limitações, caso contrário, quanto menos o indivíduo desenvolver essa construção, mais necessitará de suportes e opiniões externas para autocompreensão.

As dificuldades em lidar com as mudanças estão diretamente relacionadas às novas relações que o jovem tem de construir com seus pais, surge daí a necessidade inconsciente de buscar outras referências.

Inserir-se no grupo social, faz parte do processo de elaboração da identidade do adolescente, num processo de construção da identidade pessoal, que o adolescente implica no

autoconhecimento, numa busca em saber quem é, quais os seus supostos valores e quais caminhos pretendem trilhar no decorrer de sua existência. Para entender melhor esse pensamento, vale recorrer a Erikson (1972), diz que a construção da identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções desejam seguir. O autor entende que a formação da identidade é a construção que o indivíduo faz de si mesmo, composta de valores, crenças e projetos.

No espaço escolar é comum ver os pequenos aglomerados de adolescentes com estilos de roupas, o penteado do cabelo e até o modo de falar com gírias e gestos semelhantes. O psicanalista Sigmund Freud (1856 e 1939), diz que o ser humano só pertence a um determinado grupo, quando se identifica com os demais que compõe esse grupo, ou seja, quando constrói vínculos baseados em símbolos compartilhados. Só que os grupos de adolescentes de hoje, seguem esse “estilo” de modo desequilibrado, sobretudo quando a adequação desse perfil se dá de modo exagerado. Aqui, interessa refletir não apenas sobre a fase da adolescência, mas também sobre as questões frívoles que permeiam a juventude, assim como experiências da dança na ressignificação do corpo juvenil.

Nota-se que algumas disciplinas escolares como: ética, sociedade e cultura, religião e sociologia trabalham na íntegra a questão dos valores fundamentais no ser humano, mas ainda é perceptível os jovens valorizando demasiadamente o aspecto exterior do corpo, fazendo dele uma vitrine de exibição, isso chega a ser para alguma motivação de vida, é como se nada mais fosse mais importante do que o seu exterior.

Além da supervalorização da imagem no adolescente, percebe-se também uma série de sentimentos/ideias negativas presentes no culto à beleza, podendo até interferir no seu desenvolvimento humano, além de prejuízo na vida social e familiar. Nesse sentido, Urioste (2013) expressa que:

Muitas vezes há o exagero na beleza, mas, mesmo quando se alcança esse ideal, não existe satisfação. Neste contexto, a vaidade prejudica o desenvolvimento humano e pode se tornar uma obsessão, gerando inclusive casos patológicos, como a dismofofobia (visão distorcida sobre si mesmo que causa preocupação excessiva com a aparência) (URIOSTE, 2013, p.1).

O habitual diante dessa situação é o pensamento errôneo que os adolescentes têm que garotas e garotos belos tendem a ter mais prestígio na escola, na comunidade e nos demais locais onde frequentam. Adolescentes, tido como “desprovidos de beleza” sempre sofrem alguma forma de discriminação, na escola por parte dos colegas, observa-se também que a busca pela aparência admirável está diretamente ligada com a preocupação com o “ter” (ter um corpo sarado, roupa de grife e aparelho celular moderno) do que com o “ser”.

É fundamental ressaltar que o corpo do adolescente é espaço de formação não apenas de caráter física, mas também a construção de sua essência. Deste modo presume-se de que essa juventude excessivamente vaidosa, pode a vir ter prejuízos na sua formação de valores, o que percebe é que essa geração tem uma forte tendência a incorporar uma característica negativa como a futilidade em sua personalidade. No dicionário informal da língua portuguesa conceitua a futilidade como uma qualidade particular de indivíduo fútil, tal adjetivo remete-se a pessoa que dá importância ao que de fato é superficial, efêmero e sem valor significativo ou quem valoriza situações irrelevantes e insignificantes.

### **3.1 A LINGUAGEM DA DANÇA: A FORMAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR**

Segundo Zandonadi (1996) apud Soares (1998), “a dança não é apenas um espetáculo recheado de coreografias cheias de gestos mecânicos e sem significados; ao contrário, é espontaneidade, é o momento único de expressar-se através de movimentos livres, frutos de nossos sentimentos, anseios e medos”.

Nos tempos de hoje a formação em dança na escola é diferente da formação em academias especializadas. Estas últimas tem um foco voltado para determinados estilos específico de dança (*ballet clássico, jazz, hip hop*, etc). Numa academia convencional de dança, as turmas são formadas com um número limitado, as condições físicas são satisfatórias e a clientela está lá por livre vontade e porque gosta de dançar ou porque a dança representa um valor para si. O foco da academia é preparar o aluno em uma técnica específica de movimento. Na escola regular, especialmente as da rede pública, as condições são bem diferentes, não são tão favoráveis como nas academias.

A dança mesmo não tendo um contexto favorável no ensino regular para sua atuação, ela não deixa de marcar sua presença. Mesmo sem constar no currículo formal, esta linguagem costuma está em meio aos alunos (as) nos horários de intervalo, de entretenimento e em oficinas, atividades extraclases como: gincanas, festivais internos, nas culminâncias referentes a datas comemorativas, etc.

Forquin (1993) destaca que:

A escola é também um “mundo social”, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta “cultura da escola” [...] não deve ser confundida tampouco com o que se entende por “cultura escolar”, que se pode definir como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob o efeito 20 dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de transmissão deliberada no contexto das escolas (FORQUIN, 1993, p. 167).

Mas essa realidade tende a mudar, com a oferta de licenciaturas e especializações em dança e com a efetuação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e os referenciais estaduais, em algumas redes (municipal e estadual) do Brasil. A dança aos poucos tem aos poucos ganhado espaço curricular. E esta proposta curricular pretende levar o aluno ser o protagonista de suas coreografias, em vez de um mero reprodutor de passos já pré-estabelecidos. Segundo Zandonadi (1996) apud Soares (1998), “a dança não é apenas um espetáculo recheado de coreografias cheias de gestos mecânicos e sem significados; ao contrário, é espontaneidade, é o momento único de expressar-se através de movimentos livres, frutos de nossos sentimentos, anseios e medos”. Nessa perspectiva, ainda destaca que:

A dança está envolvida em praticamente toda experiência importante da vida, tanto dos indivíduos, quanto do coletivo social. Existem danças de nascimento, de morte, de passagem para a maioridade, de corte e casamento, de fertilidade (MARTIN, 2007, apud STRAZZACAPPA, 2007, p.19).

Hoje em dia, há muitas questões relativas à dança, dado que esta arte é capaz de promover uma atmosfera de movimento corporal e artístico, a qual instrumentaliza o indivíduo para a produção, a apreciação, a contextualização das diversas manifestações dançantes e suas conexões com os saberes do meio. As movimentações e passos pré-definidos servem de repertório para os (as) alunos (as). Contudo não significa que é proibido, apenas não é necessário prender-se aos estilos ou certas codificações. O interessante é trabalhar a dança de modo livre, eclético e diversificado, para agradar todos os gostos, níveis, corpos e conhecimentos.

Assim,

Imitação de modelos televisivos, [onde] frequentemente ignoram-se os conteúdos sócio-afetivos e culturais presentes tanto nos corpos como nas escolhas de movimentos, coreografias e/ou repertórios, eximindo os professores de qualquer intervenção para que a dança possa ser dançada, vista e compreendida de maneira crítica e construtiva (BRASIL, 1998, p.71).

Ainda referindo-se ao contexto atual, percebe-se que nos territórios escolares, onde a presença da criança/adolescente é frequente, o problema do sedentarismo atingindo o público juvenil. A falta ou redução da atividade física regular tomou um espaço considerável na vida infanto-juvenil, mais do que nunca a dança deve ser incentivada. Nesse sentido, todo o movimento de dança pode ser considerado um gesto desportivo. Porém para ser dança, o (a) aluno (a) precisa estar consciente do processo do movimento no corpo, sendo capaz de pensar o seu corpo como sujeito apto a construir os seus próprios repertórios.

Compreender as habilidades do corpo através da dança é pensar que o corpo fala sobre si mesmo, que o corpo, por suas habilidades, constrói um fazer

que especialize seu potencial, é entender que o corpo que dança habita o mundo e o espaço, que ele mesmo é capaz de construir o seu repertório para realizar habilidades específicas que o tornem mais apto à ação (ROSA, 2000, p.68).

A dança quando trabalhada com uma clientela heterogênea, esta é capaz de formar identidades. Quando alguém declara que dança, ou que gosta de dançar, logo é questionado: que tipo você dança? A resposta sempre é algum estilo, ou seja, um tipo de dança que se identificou, codificou ou sistematizou, tendo movimentos específicos, isto é passos já reconhecido, são os chamados estilos: o folclore, o balé clássico, dança do ventre, dança de salão, entre outros. Há vários tipos de dança variando de acordo com o país, a região, crença, cultura, etc. Com o decorrer do tempo, surgiram também conteúdos que passaram a ser incorporados na dança, das técnicas corporais. Cabe a escola lidar com toda essa diversidade e aos discentes desfrutarem de toda riqueza cultural.

[...] compreendida, desconstruída e transformada, pois é forma de conhecimento. A dança que chega às escolas [...] mesmo que sejam as danças da mídia ou os repertórios pré-fixados das danças brasileiras, urgem por reconstrução, releitura e transformação para que a escola cumpra seu papel no projeto social a que se propõe [...] (MARQUES, 2008, p.50).

Na escola, a dança pode (e deve) ser experimentada como uma forma de crítica social para as indagações de ideias, possibilitando aos alunos ao conhecimento, deslocada da ideia fechada e retrógrada de que a dança deve seguir padrões fixos, repetitivos e modismos, por exemplo, a exaltação de um padrão de corpo ideal para dançar. Pensar a dança no ensino formal é pensar em conduzir o aluno a um novo entendimento sobre seus significados. O que é necessário é ir além desta postura de:

[...] negação do que a precedeu, mas considerada objeto de análise, de crítica, de reorientação e/ou transformação daquelas formas. Nesse sentido, procura-se possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, relacionando-o às práticas corporais, ao contexto histórico, político, econômico e social (PARANÁ, 2008 p. 51).

Dessa forma, a escola cumpre seu papel de ser espaço de transmissão de conhecimentos que deve dar lugar a novas concepções. Assis, Simões e Gaio (2009, p.298), dizem que o sistema escolar deve ser “um local de construção e socialização de conhecimento, de valorização das relações sociais e ampliação da cultura”. Ainda neste sentido. Paro (2007, p.34) diz que há necessidade de uma nova roupagem na educação que capaz de conduzir a uma “formação da personalidade do educando em sua integralidade”. Tal abordagem também está presente na LDB 9.394/96 conforme se verifica no Art. 1º:

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de

ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Como o próprio artigo acima diz, é de suma importância que o indivíduo inserido no seio escolar se desenvolva nas mais variadas esferas e que a escola seja capaz de oferecer subsídios para esse desenvolvimento.

## CAPÍTULO II

### 4. AS TÉCNICAS CORPORAIS COMO MEIO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE

Quando se fala de técnicas corporais, fala-se de manifestações culturais que podem ter vários perfis, como caracterizou o antropólogo Marcel Mauss<sup>1</sup>. As técnicas corporais são simplesmente o uso que o indivíduo faz do próprio corpo para atingir uma finalidade pré-determinada, seja, comer, andar, falar, expressar, manifestar, etc. Quando o indivíduo usa seu corpo de modo a alcançar aquilo que fora planejado por ele, pode-se entender que houve uma prática de técnica corporal.

Vale entender que a técnica do corpo, segundo Mauss, é algo tradicional e eficaz. Quando o autor anteriormente citado referiu-se a característica tradicional, quis dizer que segue padrões a serem seguidos dentro do universo cultural de um dado grupo de indivíduos e eficaz porque o objetivo proposto é atingido por aqueles que estão inseridos no grupo.

Cada sociedade tem sua própria maneira de caminhar, de comer, de se sentar, de se reproduzir, de manifestar suas emoções, segundo os seus costumes, sua cultura. Os membros dessas sociedades vão aprendendo as maneiras de agir e por sua vez, ensinam as futuras gerações (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006, p.43).

Novamente recorrendo a Mauss (1950) compreende-se que as técnicas corporais são modos como o ser humano faz uso do seu corpo para determinados fins. Ato que se configuram em formas corpóreas com teor dinâmico, caracterizando gestos específicos. Com a apreensão de técnicas o indivíduo incorpora as configurações por meio da imitação, do adestramento, da prática rigorosa resultando em um processo de aprendizagem. Até o modo como nos deitamos para dormir, comemos e conversamos em geral qualquer movimento corporal por mais que parece trivial pode ser classificado como um movimento corporal apreendido por meio de técnica interiorizada pelo indivíduo.

As técnicas corporais que serão tratadas neste trabalho são duas e ambas estão ligadas a prática da dança. São técnica de Klauss Vianna e a Improvisação. A primeira consiste em ser uma técnica que propõe que antes mesmo do corpo aprender a dançar, é necessário que ele se conheça e se conscientize. Já a segunda é a improvisação, uma ação que o ser humano já experimentou em alguma circunstância da vida, afinal quem nunca passou por uma situação de imprevisto? Estes sempre estão a acontecer na vida. A improvisação na dança, o corpo

---

<sup>1</sup> Estudioso francês, pioneiro com a noção de técnicas do corpo. Baseando-se em seus estudos pode-se compreender que as técnicas corporais são meios possíveis, que os homens de diversas sociedades, de uma maneira tradicional se expressam, afinal a técnica corporal também pode ser considerada uma forma de linguagem.

dançante é um modo singular de expressar o gesto, os movimentos, de desenvolver sua *performance* com sinceridade e emoção.

No campo da dança as técnicas citadas acima surgiram como uma proposta por profissionais da área (bailarinos, coreógrafos, professores de dança) com o intuito de romper padrões formais e repetitivos. Daí surge a necessidade de se estudar e pesquisar meios (técnicas) para se fundamentar o ato de se pensar a dança como arte de levar o indivíduo que dança a refletir sobre si. E essa construção de conhecimento tem a finalidade descobrir os benefícios que esta prática pode proporcionar aos corpos dançantes, sobretudo para o aprendiz da dança. A técnica do improviso na dança dá oportunidade para que o alunado na aula de dança possa criar seus próprios movimentos de acordo com seus sentimentos e sensações em um contexto bem natural e principalmente a descoberta de novos significados em seu corpo.

A princípio o estudo partirá da técnica de Klaus Vianna e como esta técnica pode agir como uma ação propositora nos modos de resignificação do corpo, levando o jovem que experimenta a dança uma nova visão do seu próprio corpo, um processo de descoberta permitindo o adolescente permitir-se a vivenciar novas experiências corporais, deslocado do contexto de supervalorização do corpo. Como cita Miller:

Os tópicos abordados na técnica de Klaus Vianna não se reduzem ao virtuosismo nem ao acúmulo de habilidades corpóreas, mas envolvem o pensamento do corpo, que é um “estar presente” em suas sensações, enquanto se executa o movimento, sentido-o e assistindo-o, tornando-se, dessa forma, um espectador do próprio corpo (MILLER, 2007, p.22).

Nesse sentido, interessa entender o corpo do jovem, não apenas como terreno fértil pronto para receber a semente da vaidade, mas também enquanto terra de conhecimento e formação de um novo olhar sobre esse solo (corpo). Desta forma, George Lakoff e Mark Johnson (1999), segue a linha de entendimento que toda inferência conceitual é uma inferência sensório-motora.

Cada entendimento que nós podemos ter do mundo, de nós mesmos, e os outros podem somente ser moldados em termos de conceitos formados por nossos corpos [...] Esses conceitos usam nosso sistema perceptivo, imagético e motor para caracterizar nosso ótimo funcionamento no cotidiano. Esse é o nível no qual estamos em contato máximo com a realidade de nosso ambiente (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 66).

O encontro com essa perspectiva permite pensar na formação de novos conceitos/ significados ou na resignificação de ideias existentes, uma vez que a dança tem como espaço de ocorrência imediata o corpo. Assim, é no corpo que dança que amplia-se a visão de si mesmo. Para Miller (2007), apresentar a técnica de Klaus Vianna é um processo de

descobertas, constantemente reformuladas, permite buscar respostas para novas e antigas indagações, considerando que as verdades, com o tempo, transformam-se em outras verdades.

Na observação realizada em sala de aula, com adolescentes que experimentaram as oficinas de dança, baseada na técnica de Klauss Vianna é o processo de ressignificação ocorrida, com base na observação de meninas e meninos (adolescentes), um novo sentido para o seu corpo surge a partir da contribuição das oficinas de dança.

A técnica de Klauss Vianna potencializa a formação de novos conhecimentos, uma vez que ocorre a partir de processos de experimentação, de novas possibilidades de movimentos, isso se dá ao processo da auto-observação do corpo, isto é visível nas oficinas desta técnica, no momento em que experimentam fechar os olhos e percorrer o corpo em toda sua extensão, desde a ponta do pé até os fios de cabelo, passando entre os músculos suavemente, enfatizando as articulações, percebendo como elas trabalham para concretizar a execução do movimento.

Através de estímulos dos movimentos e da observação do corpo, que possibilita os adolescentes a experimentar livremente suas emoções e expressar-se além da aparência física. Num processo de resgate dos valores, perdido pelo exagero do culto ao corpo a supervalorização dos bens materiais e os gestos ostensivos comum nos grupos de adolescentes.

Outro ponto relevante das oficinas de dança é o momento de experiência é chamada de “dança interna”, onde o aluno (a) é convidado a sentir o pulsar de seu coração, o ritmo da respiração e o movimento do diafragma quando o ar entra e sai do seu organismo. Ainda nesse âmbito do conhecimento corporal, é pertinente citar a importância de suscitar no aluno (a) a descobrir a sua melhor forma de aprender, através da descoberta do canal de preferência, levando o público-alvo a descobrir as várias formas de aprender, já que cada um possui um estilo próprio de assimilar e aprender novas experiências. Essa descoberta é feita através dos cinco sentidos: visão, olfato, paladar e tato. Assim, é no corpo que dança que abrange a visão de si.

O pensamento é uma rica mistura de todos os sistemas, assim a experiência nos vem através de todos os sentidos. Entretanto, tendemos a favorecer um sistema, geralmente, aquele ligado a um sentido mais aguçado. Conhecer esses meios e a essas formas de aprendizagem, é descobrir o canal preferencial (CERIBELLI, 2008, p. 83).

Nesse sentido, o corpo que dança funciona como um produtor de conhecimento. Seja no âmbito escolar ou nos locais que o jovem também tenha convívio social. Uma vez que “o corpo não para de conhecer, de se relacionar com os ambientes e, nesse sentido, nem quando

está submetido a algo, ou alguém torna-se [*sic*] um objeto passivo. Ele continua gerando signos” (GREINER, 2005, p. 78).

O processo de ressignificação com a dança repercute nas funções sociais dos adolescentes, uma vez que localiza o real sentido do corpo. Afinal, o que a imagem externa é apenas uma parte do corpo, e não sua totalidade, o corpo tem outras partes que em conjunto formam um todo. A dança, não nega a importância da imagem corporal, o que a arte quer, é convidar o indivíduo jovem a descobrir outros significados em seu corpo, através da experiência com o movimento.

Enfatiza-se ainda, que a técnica Klauss Vianna é trabalhada com o público em questão estimulando a expressividade, liberdade e ao respeito com o seu próprio corpo. Favorecendo o público-alvo a experimentar movimentações novas em corpo, distintas do que lhe é comum, rotineiro e automatizado que conseqüentemente serve de estímulo para expressar-se de mais formas corporais em seu meio social, afinal “o corpo fala”.

Mas, se a dança é um modo de existir, cada um de nós possui a sua dança e o seu movimento, original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana (VIANA, 1990, p. 88).

Por fim, a técnica Klauss Vianna, quanto prática pedagógica tem como levar esses corpos jovens, a analisar a importância do processo de descoberta de novos conhecimentos e significados em sua dimensão, aliado ao processo de ensino e aprendizagem da dança.

O trabalho em questão traz uma proposta interventiva imbuída em duas técnicas, uma já fora explanada anteriormente, seguirá agora a segunda técnica a ser trabalhada: a improvisação, também chamada de contato e improviso. A referida técnica do improviso na dança dá oportunidade para que o alunado na aula de dança possa criar seus próprios movimentos de acordo com seus sentimentos e sensações em um contexto bem natural e principalmente a descoberta de novos significados em seu corpo.

Apoiando-se com Paxton e Nelson (1999), a técnica do improviso no campo da dança advém ao contato e à improvisação que surgiu nos Estados Unidos. Vale recorrer a Carvalho (2004), que afirma que a improvisação é capaz de realizar no corpo dançante movimentos cautelosos, precisos e pensados propiciando momentos de autoconhecimento aos alunos. “Tudo o que brota, brota como forma. Mais adiante, num processo de associação, esta forma ganhará vividez. Forma: atrator de similitudes e parencas. Forma: passaporte dos existentes” como assim expressa Katz (2005, p. 61).

Estas formas citadas anteriormente consistem em ser uma classificação, isto é, uma tipologia que se dividem em dois tipos: Tipo1 – Improvisação sem acordos prévios; Tipo 2 – Improvisação com acordos prévios, esta última se subdivide em duas classes: A improvisação em processos de criação e a improvisação com retirios.

Aqui, serão explanadas as improvisações supracitadas, a primeira a ser descrita é a Improvisação sem acordos prévios. Os arranjos se dão por meio de ações e conexões por parte do corpo dançante, ou seja, as sequencias (arranjos imprevistos) ocorrem exclusivamente no ato da apresentação pública. As sequencias se concretizam a partir de movimentações habituais do corpo que já experimenta a dança. Nas improvisações sem acordos prévios o processo das sequencias ocorrem sem ensaios prévios, um momento que pode ser experimentado pelos discentes envolvidos na proposta interventiva e o produto final (apresentação pública) podem ser exibidos nos eventos comemorativos da escola, desse modo os próprios discentes promoverão um trabalho autêntico, dado que, não há ensaios pré-estabelecidos.

A improvisação sem acordos prévios, o corpo que dança faz as escolhas pertinentes aos movimentos sucedem em tempo real. Desse modo a autonomia é garantida ao alunado envolvido na apresentação pública. Mas é preciso que o (a) orientador (a) das oficinas de improvisação oriente bem aos discentes para que não corra o risco de ficar somente nas repetições de movimentos já conhecidos e experimentados.

Para entender melhor essa colocação vale recorrer a Carter (2000), que diz que é preciso ter cuidados com as repetições de movimentos habituais (já conhecidos). O interessante é conduzir o alunado a realizar suas criações em cena com autonomia plena, ou seja, não há acordos específicos sobre cada apresentação pública, mas vale lembrar que há padrões sobre composições de sequencias improvisadas que são treinados.

No que se refere, a improvisação com acordos prévios, este tipo contam com acordos prévios em suas composições sequenciais, seja no processo de experimentação no momento da oficina como em sua apresentação. Há uma subdivisão presente nesta tipologia: a primeira é a improvisação em processos de criação, consiste nos discentes realizar as experimentações antes de serem exibidas publicamente. A segunda é a improvisação com roteiros, consiste em seguir um itinerário (roteiro), com regras, condições e um estudo prévio de possíveis de sequencias. Os roteiros são guias com diretrizes a serem seguidas sob as orientações do coordenador da oficina. Um roteiro convencional desta técnica contém alguns pontos como: desenvolvimento do improviso; e/ou tipos de movimentações; e/ou interação entre os corpos dançantes; etc.

Nesse sentido, a improvisação como uma técnica de dança como uma proposta interventiva. É uma moção que propõe levar a dança para um público de adolescentes de uma forma que não seja imbuída de gestos mecânicos e repetitivos. Tendo em vista que a proposta levar o público-alvo a exercitar a sua criatividade, espontaneidade e principalmente o autoconhecimento. Conclui-se que esta técnica proporciona ao corpo que dança a oportunidade de criar seus próprios movimentos sequenciados a partir de suas sensações e conteúdos, em um contexto de aprendizagem significativa.

#### **4.1 OFICINAS DE TÉCNICAS CORPORAIS, UMA AÇÃO PEDAGÓGICA**

A oficina é uma modalidade de prática pedagógica, uma metodologia de ensino-aprendizagem coletiva. O seu principal objetivo é promover situações de interação e construção de saberes. As oficinas com as técnicas propostas levará o alunado em questão a sentir-se em como estivesse em uma construção coletiva, de análise, reflexão e a vivência com experiências significativas. Assim, Candau (1995), afirma que a oficina constituiu espaço de construção coletiva, de análise da realidade, de confronto e troca de experiências.

Portanto, as oficinas explanadas nesta proposta interventiva, são modalidades pedagógicas bastante produtivas dentro do universo das linguagens artísticas.

Consiste numa dinâmica significativa entre educando e educador, dado que, a ação instiga a participação e a reflexão, um processo pedagógico que coloca professor (a) e aluno (a) em um mesmo patamar, já que um aprende com o outro, isto é, reflexo de uma forma de educar democrática. Como defende Freire (1998), o (a) professor (a) não é portador (a) da verdade a ser transmitida ao seu alunado, é no diálogo que educador e educando que se aprende a escutar, e, é nesta escuta que o (a) docente aprende a dialogar melhor com os seus discentes.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles (FREIRE, 1998, p. 127).

Para promover a oficina, principalmente, quando esta envolve a arte, neste caso, a oficina envolve a linguagem da dança, através das técnicas corporais é essencial que no ato do planejamento, o coordenador da oficina, atente-se para alguns pontos norteadores que não podem ser deixados de lado no momento da elaboração da oficina e que são fundamentais para a concretização da proposta. Segue abaixo alguns pontos que serão norteadores para elaboração.

- É necessário que o idealizador (a) da proposta pense o porquê da proposta das técnicas por meio da prática das oficinas;
- Pensar como provocar a reflexão do conteúdo no alunado;
- Avaliar se as práticas promoverão a construção de saberes e conceitos;
- Definir a temática com clareza, tendo em vista que, a oficina deve ser breve e significativa. Do contrário, poderá haver dispersão do público-alvo, por não entender bem a proposta colocada; É importante preocupar-se com o tempo de duração da oficina e a quantidade de participantes, o interessante é 50 minutos para cada turma, sendo esta com limite de 20 discentes. Caso contrário, muitos alunos (as) num espaço físico poderá causar desconforto para os envolvidos;
- Refletir como avaliar a proposta concluída de forma qualitativa. É de sumo valor que a avaliação ocorra envolvendo o educador e o educando, sobretudo, sobre si, sobre o professor e o sobre o grupo;
- A finalização da prática deve suscitar questionamentos entorno dos participantes, o famoso *feedback*, a reflexão antes e depois: indagações do tipo: Como eu pensava e como eu penso agora? O que posso tirar de proveito desta experiência? Como estão as minhas ações? Qual a visão que eu tenho sobre o meu corpo? Tenho um corpo ou sou um corpo, um todo?

#### **4.2 A APRENDIZAGEM SITUADA**

Os processos de aprendizagem não formal podem ser desprezados justamente por estar num contexto de informalidade. Contudo, eles podem acontecer de forma significativa, presente no cotidiano das pessoas sem que estas percebam, resultante de experiências e não apenas de transmissão de dados ou ideias como na educação formalizada.

Assim, compreender como esses processos de aprendizagem da dança/técnicas corporais acontecem, pode trazer para o campo de discussão no espaço acadêmico, promovendo uma reflexão de questões importantes. Uma dessas questões é a análise de como a experiência corporal desenvolve um modelo de aprendizagem onde se conjugam valores, pensamentos, conceitos e possibilidades. Assim, técnicas corporais podem ser consideradas um caminho legítimo de aprendizagem.

Pode-se dizer que o corpo sempre foi objeto de aprendizagem desde os primórdios, o homem reproduzia gestos de sua rotina, a cultura de seu próprio povo, movimentos dos animais, manifestações religiosas e até mesmo artísticas (desenhos e pinturas). Com o tempo

surgiu a necessidade do homem de experimentar uma educação corporal. Dessa maneira o homem passou a conhecer melhor o seu corpo, as suas capacidades e limitações. E com isso o homem passou a dar mais atenção a si, e assim alcançando um equilíbrio nas esferas corporal, mental e espiritual, um processo que conduz que, para Griguc (2002) “é o reconhecimento do próprio corpo, suas partes, seus movimentos, mas não é só isso, é também, uma relação com o mundo exterior, através do contato corporal, do gesto e da linguagem”.

Considera-se que uma das formas trabalhar o corpo do educando de modo significativo é através da dança/técnica corporais. Para Griguc (2002) diz que “a dança é uma forma de falar através do movimento do corpo e falar com seu corpo, transmitindo a partir daí sentimentos, sensações, ideias, fatos, e as coreografias passam a ser expressivas frases, comunicando de forma não verbal, mas sim a partir da harmonia, do ritmo e da expressividade, ou seja o movimento humano transformado em arte”. E toda essa transmissão conduz o educando a encontrar em si novos conceitos e possibilidades em seu corpo, dessa maneira o indivíduo passa a ampliar a visão de si.

### CAPÍTULO III

#### 5. OS VALORES SIGNIFICATIVOS E A EDUCAÇÃO FAMILIAR

Quando se fala na legislação Estatuto da Criança e do Adolescente, objetiva-se a tratar do respeito e da atenção que se deve ter ao ser humano em estágio de formação de personalidade. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê a obrigatoriedade dos pais e/ou responsáveis a participarem da vida das suas crianças e adolescentes e nesse ponto inclui-se a transmissão de valores significativos.

Alguns pais, mães e/ou responsáveis ainda não estão cientes de que o poder familiar é veículo de transmissão de valores indispensáveis ao indivíduo em formação. O que ocorre é que muitas crianças e adolescentes recebem esses valores de qualquer maneira sem quaisquer preocupações dos familiares. E por isso, estes indivíduos em formação chegam num ambiente escolar sem limites, acreditando que é autossuficiente, agindo de maneira fútil, discriminatória e intolerante às diferenças que são normais, em meio a um grupo social diversificado, o que se pode constatar é que esse perfil juvenil provém de um reflexo de padrões de pensamento e comportamento do seio familiar.

Na contemporaneidade percebe-se, sobretudo nas unidades escolares que muitas crianças e adolescentes estão tendo ou teve uma má educação e que a maioria das vezes, isto é um reflexo de várias influências que podem ser oriundas: dos pais, das mães, parentes próximos, de coleguinhas de escola e da vizinhança, de programas de TV ou da própria internet. Os pais e as mães são os primeiros a ser a referência para seus filhos (as). Alguns pais/mães preferem mimar seus filhos (as), acreditando que esta é melhor forma de formá-los para a vida. Dentro do contexto natural é puramente normal, uma criança querer tudo para si, sentir-se como o centro das atenções, até mesmo porque, o pequeno (a) não tem qualquer noção de causa e consequência de seus atos e escolhas.

No quesito, papel dos pais/mães é colocar limites nas escolhas e atos de seus filhos (as), ou até mesmo fazer com que seu filho (a) encontre os seus próprios limites, principalmente levar a criança a ter consciência de que suas ações lhe trarão algum retorno. A história nos mostra que a partir do século 18, a relação dos pais/mães com as crianças sofreram grandes mudanças e os seus efeitos são percebidos até hoje.

Ariès (1981), diz que na Idade Média, a criança era vista como uma espécie de filhote, logo na fase inicial de sua vida, e, depois como um adulto. “A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-

se; a criança, então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos” (AIRÈS, 1981, p. 88).

Seguindo o percurso da história perceberemos que depois do período da Revolução Industrial, algumas transformações começarão ocorrer no seio familiar, principalmente, a relação criança e adulto. Os pais/mães passaram a colocar seus filhos (as) em unidades escolares e, assim estes pequenos começaram a participar de um grupo social separado dos adultos. A concepção de criança era, portanto, bem distinta da contemporaneidade. Por isso, a educação das crianças dentro do contexto familiar mudou tanto ao longo dos tempos.

Já o conceito de adolescência surgiu apenas no século XX, no entanto este conceito pode ser considerado recente na história da humanidade. A palavra “adolescência” vem do latim *adulescens*, quer dizer crescer. Na adolescência, a má-criação acontece de modo distinto dos apresentados pelas crianças. Os pais/mães e a sociedade esperam do indivíduo adolescente, que este já tenha uma postura que reflete normas de conduta e de responsabilidade que são estabelecidas pelos pais/mães desde os primeiros anos da infância. Quando o adolescente apresenta atitudes indisciplinada, é hora de os pais e das mães urgentemente reverem sua forma de educar, para que no futuro seus filhos (as) não se tornem adultos mal educados.

Além disso, nessa fase, os jovens devem ser orientados a saber o que é direito e dever, pois a rebeldia e a contestação são bastante comuns. O interessante é trabalhar com os indivíduos em formação de modo que entendam como devem exercer seus direitos e deveres sem faltar com respeito a ninguém. Para um adolescente já indisciplinado a colocação anterior, pode ser algo bem desafiador.

O que se percebe hoje que a escola tratada em questão (Escola Estadual 28 de janeiro) compreende um considerável número de adolescentes que no decorrer da rotina, demonstram atitudes inconvenientes que refletem a má educação. Exemplo disso: é o tom de voz que eles usam, o modo como se dirigem aos colegas, funcionários e o professor.

## **5.1 EXPRESSÕES E VALORES NO INDIVÍDUO EM FORMAÇÃO**

Um corpo rígido reproduz movimentos com rigidez e influenciam até a forma de pensar e agir do indivíduo pode-se dizer que o ser humano não é possuidor de um corpo, ele é um todo, um conjunto corporal.

Se eu tiver atitudes rígidas, elas não definirão apenas o meu sistema rígido de crenças: definirão também o sistema rígido de sentimentos e o sistema rígido de ações pertencentes ao meu rígido conjunto corporal. Não é apenas meu pensamento que está densamente contido. É o meu corpo todo que não

pode se mover livremente, que não pode sentir livremente (KELEMAM, 1996, p.42).

Quando se refere uma criança/adolescente, o corpo e o movimento podem ser entendidos como um meio dela aprender e de interagir com o mundo, “bem como o modo como se apropria e ressignifica a cultura na qual está inserida” (UCHÔGA; PRODÓCIMO, 2008, p. 222). Também afirma Sayão (2002, p.61) que “aquilo que as crianças mais gostam de fazer é experimentar novas sensações, novas experiências, mexer, rolar, pular, 'fuxicar', demonstrando uma energia corporal bastante grande que proporciona o contato consigo”. Na adolescência não é diferente, as aventuras são as experiências mais vivenciadas e as sensações que elas causam tidas como as melhores por esse público.

Contudo, ações corporais das crianças/adolescentes e os movimentos realizados livremente, mostram as possibilidades de seu corpo e que muitas vezes é vista pelos adultos a como indisciplina, mas nada é, do que sua expressão livre. Sua criatividade, espontaneidade e ousadia são por vezes reprimidas. Os adultos sempre estão numa tentativa de tornar a criança/adolescente parecida com a imagem e o comportamento de um adulto, tentando formar no público infanto-juvenil uma postura de seriedade como um modo de comportamento ideal para um indivíduo em formação (SAYÃO, 2002). Exclamações como “fique quieto e se comporte” ou mesmo “amadureça, você já está ficando mocinha (o)” são bem visíveis nos espaços familiares.

Os pais/mães idealizam uma postura de seriedade para seus filhos (as), mas não sabem os pais/mães que as expressões livres do corpo como: correr, pular, dar altas risadas, as brincadeiras paralelas são próprias do corpo juvenil. O que a família deve se preocupar é com os conceitos e significados que se começa a serem construídos e incorporados nesta fase. Privar o indivíduo em formação de expressar os seus movimentos característicos de sua faixa etária é prejudicar o desenvolvimento da formação de conceitos e significados de um indivíduo. Sayão (2008, p.104) explica que “a privação do movimento e a impossibilidade de se expressarem através dos gestos, dos ritmos e das linguagens corporais já esquecidas por nós, adultos, constitui grave violência [às crianças]”. Não é privando as expressões livres de um indivíduo que o forma positivamente para a vida.

No campo educacional, as unidades e os profissionais da educação agem bem parecidos com os pais, na construção de conhecimento, as expressões tem dia, hora e lugar para serem exploradas. As aulas de dança, educação física e alguns esportes são canais para livre expressão de gestos e linguagens. As práticas corporais e intelectuais ocupam espaços

distintos “na medida em que para o corpo se destina um momento distinto dos outros que acontecem, geralmente, em sala de aula” (VAZ, 2002b, p.01).

As ações pedagógicas valorizam que levam a criança a vivenciar suas expressões estão restrita, o espaço tradicional como a sala de aula, muitas vezes limitam ou tentam limitar a livre expressão corporal. A ideia do corpo disciplinado e bem comportado pronto para aprender conteúdos está sempre em foco, quando isto é contrariado, eis que surge a punição para este corpo.

Segundo Michel Foucault (2005), não é somente a ameaça da punição que disciplina o corpo, mas também a possibilidade de estar sendo reparado, observado, isto é, vigiado. O que muitas vezes acontece é que os sujeitos internalizam a disciplina, de modo superficial, só pelo instante de vigilância e repressão. Assim, o universo escolar “sempre estiveram preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir e construir os corpos” (FINCO, 2007, p.94). O corpo é, o âmbito das expressões, dos gestos, das linguagens, das necessidades físicas e psicológicas, dos sofrimentos, das fortes e fracas emoções. Nesse sentido, é comum no campo educacional o pensamento de que o corpo juvenil deve ser educado e disciplinado.

Os pais/mães precisam se atentar que o importante na educação disciplinar de seus filhos, são os valores principais como: amor-próprio, autocontrole, respeito ao próximo e honestidade. O aprendizado de valores tem que ocorrer de modo significativo, caso contrário, eles são esquecidos com o passar do tempo, pois, o aprendizado não acontece da noite para o dia, e sim ao longo de toda vida.

Hoje se percebe uma juventude cheia de vaidade e expressões ostensivas, intitulada erroneamente como amor próprio, o mesmo vai além de exibições materiais fúteis visíveis nos tempos atuais, enquanto, o verdadeiro sentido do amor- próprio que de fato é significativo acaba sendo construído de modo deturpado. Ensinar ao filho que é preciso tratar qualquer coleguinha e professor com respeito e gentileza, principalmente, respeitar às diferenças culturais e sociais. O respeito é algo que precisa ser passado desde os primeiros anos de vida, um ensinamento que deve ser exemplificando, dado que, o indivíduo em formação de personalidade, apreende muito mais pelo que observa ao seu redor, inclusive, como os pais se relacionam as outras pessoas.

### **5.1.1 As Diferenças no Coletivo Escolar**

As demonstrações coletivas no contexto da escola em questão são comuns, os comportamentos das crianças e dos adolescentes se parecem muito, característica normal, mas cada indivíduo tem suas particularidades. Na verdade, somos todos diferentes, cada indivíduo

com suas peculiaridades forma o meio. No campo escolar se encontra umas das maiores diversidades culturais, assim como também as comparações e discriminações. Desde pequeno aprendemos a comparar e separar o grande do pequeno, o bonito do feio, o certo do errado, o normal do anormal.

A reprodução da discriminação no seio escolar é acentuada, tendo em vista, que há uma forte tendência de organizarmos nossos pensamentos e práticas a partir daquilo que é igual e homogêneo. A criança/adolescente buscam semelhanças e a valorizá-las, muito mais do que as diferenças, mesmo elas sendo tão presentes no meio. A escola deve ser um espaço democrático que promova o diálogo sadio e harmônico com todas as diferenças que envolvem a vida em sociedade, independente de quaisquer que seja as diferenças: gênero, sexual, racial, cultural, econômica e de pensamento. A escola é compromissada com uma educação voltada para os valores universais e comprometida em promover direitos iguais.

## **5.2 A OFERTA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE MONTE ALEGRE DE SERGIPE/SE**

De acordo com algumas conversas e observações com moradores da cidade de Monte Alegre de Sergipe/SE, percebe-se que a cidade é dividida entre zona rural e urbana, e, está localizada na região do alto sertão do estado, onde o clima semiárido é típico com secas prolongadas, fator que levou muitos moradores da cidade a buscarem condições de vida melhores em outras regiões do país, especialmente, a região sudeste.

As crianças/adolescentes da cidade frequentam as escolas da rede municipal e estadual da cidade, mas há também aqueles que preferem a rede particular e os que estudam nas públicas preferem a oferta de ensino do centro da cidade, pois há uma ideia formada de que as escolas do centro oferecem uma melhor qualidade de ensino. Os estudantes que recebem essa oferta de ensino da cidade de Monte Alegre de Sergipe/SE são moradores da área urbana e rural da região.

O âmbito escolar é um dos mais importantes da sociedade monte-alegrense, pois uma boa quantidade dos indivíduos passa pelo menos metade do seu dia inserido neste âmbito, o qual alicerça as principais bases para a formação social do homem, além da aprendizagem das disciplinas e seus conteúdos. É através dessa formação social que também são repassados os valores morais e éticos.

Para que uma instituição funcione significativamente bem e proporcione uma educação de qualidade aos seus alunos (as) é preciso que esteja em ordem. Seus principais atores formam uma comunidade escolar que são os alunos (as), professores (as), a equipe

pedagógica, pais, mães, funcionários administrativos e o apoio pedagógico. É preciso que essas pessoas cumpram com suas atribuições, já que precisam alcançar metas, um sistema de avaliação e uma ordem estrutural hierárquica.

A Escola Estadual 28 de Janeiro, a qual servirá de espaço para aplicação do Plano de Intervenção em questão, fica localizada Avenida Manoel Elígio da Mota s/n Centro, disponibilizando as modalidades do Ensino Fundamental séries iniciais e finais (1º ao 9º ano), Ensino Médio (1º ao 3º ano) e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A unidade referida faz parte da rede estadual do estado de Sergipe. O total geral de matriculados é de 708 alunos (as) inseridos no ensino regular, subdividido em: Fundamental Maior, que conta com 205 alunos (as) inseridos (as), o Fundamental Menor com 141 e o Médio Convencional 362.

No que diz respeito ao desempenho do alunado, último IDEB (Índice de Desenvolvimento Educação Básica) que fora divulgado em 2011, a escola obteve a média corresponde a 2,9.



**Figura 1- Fachada do Prédio da Escola Estadual 28 de Janeiro, localizada na Cidade de Monte Alegre/SE, Ano 2013.  
Fonte: Autores.**

A escola conta com uma equipe diretiva composta por: diretor (1), coordenador (1), secretário (1) e quanto ao quadro de docentes, a instituição apresenta 20 no total, sendo estes divididos entre pedagogos atuantes nos anos iniciais (polivalente) e os (as) professores (as) por áreas.

No que se refere à infraestrutura do espaço físico da escola, a mesma conta com alguns serviços básicos que são imprescindíveis para atender a clientela. Serviços como: água filtrada, água da rede pública, despensa, energia da rede pública, esgoto da rede pública, internet banda larga, fossa, lixo destinado à coleta periódica.

No quesito dependências, a unidade conta com: almoxarifado, banheiro (dentro do prédio), biblioteca, cozinha, despensa, salas de aula (quantitativo de 11), sala de diretoria, sala

de professores, sala de secretaria, laboratórios (informática e ciências), pátio coberto e quadra de esportes (descoberta). A área do terreno da instituição é de 1.200 m<sup>2</sup>, sendo 800 m<sup>2</sup> de terreno construído. Vale salientar que o prédio da instituição conta com vias adequadas para os alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Todos os dados citados acima foram extraídos do SIGA- Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas.

A referida unidade porta alguns equipamentos que servem de recursos didáticos para compor as ações pedagógicas. Estes instrumentos são eletrônicos e foram adquiridos com a verba financeira advinda do governo federal. Os equipamentos são: aparelho de som, copiadora, câmera fotográfica/filmadora, impressora, projetor multimídia (*datashow*) e televisor.



**Figura 2 – Alunos do 8º ano utilizando alguns recursos tecnológicos na aula de geografia. Ano 2015.**  
**Fonte: Autores.**



**Figura 3 – Arquivo da Instituição. Ano 2015.**

**Fonte: Autores.**

A escola Estadual 28 de Janeiro foi inaugurada no dia 7 de fevereiro de 1975, pelo governador Paulo Barreto de Menezes. Tal nome deve-se a uma homenagem à abertura dos Portos às Nações Amigas, decretada pelo príncipe regente Dom João de Bragança, mais conhecido como D. João VI. A sua estrutura era composta por duas salas de aula e uma secretaria, os professores que começaram a lecionar foram cedidos pela prefeitura da cidade e não tinha profissional para assumir a área administrativa da unidade. Hoje, o estabelecimento de ensino conta com uma estrutura bem mais ampla, mesmo assim ainda carece de muitas necessidades físicas, e há poucos meses atrás a escola recebeu a visita do atual governador do estado Jackson Barreto, o mesmo fez a promessa de logo em breve realizar uma reforma nas estruturas físicas da unidade.

A escola conta com dois tipos básicos de estrutura: administrativa e pedagógica. A primeira assegura a gestão de recursos humanos, físicos e financeiros. Fazem parte, ainda da estrutura administrativa a distribuição das dependências escolares e espaços livres, equipamentos e materiais didáticos, e a organização do acervo mobiliário. A estrutura pedagógica assegura a organização das interações políticas, as questões de ensino-

aprendizagem e as de currículo. A primeira estrutura é administrada pela figura do diretor, o qual sempre está ligado ao cotidiano da sala de aula, aos alunos e professores, além de manter a escola dentro das normas do sistema educacional, seguindo as portarias e instruções, e cumprindo os prazos pelo sistema. Já a administração pedagógica é atribuída ao coordenador pedagógico que sempre prioriza a qualidade do ensino, a supervisão e a orientação dos assuntos pedagógicos.

### **5.2.1 Perfil Docente**

Neste item, os autores do referido plano trazem a caracterização do docente da escola em questão. Com base nas observações em torno do quadro docente da instituição analisada, foi constatado que dentre os docentes, 60% são mulheres e 40% são homens. Cabe ressaltar que a maioria das professoras encontra-se atuando no ensino fundamental. A média de idade dos docentes é de 36 anos e que a maioria dos professores já constituiu uma unidade familiar autônoma em relação à original (formada com seus pais), além de habitarem com o cônjuge ou companheiro, com seus próprios filhos e/ou com os filhos do companheiro.

Outro aspecto da vida familiar do professorado observado foi o da incidência da prática docente junto aos familiares dos professores. A esse respeito, foi constatado que a maioria dos docentes possui algum familiar, o qual também é professor, uns declararam ter irmãos professores. Além disso, alguns responderam afirmativamente ser casado (a) com um professor (a).

Os autores constataram, ainda, que a escolaridade dos pais dos professores, é uma escolaridade precária, poucos são os que possuem o nível fundamental incompleto, inclusive alguns dos pais e das mães não têm nenhum grau de instrução. Este dado pode nos levar a pensar a existência de uma mobilidade social entre os atuais professores.

Outro fator bem marcante na análise feita pelos autores foi o discurso de insatisfação salarial de alguns professores da instituição, esta fala reflete o descontentamento da categoria com o trabalho. Segundo um deles afirmou dar aulas em duas escolas para obter uma renda financeira mais elevada. O salário-base de um professor da rede estadual em início de carreira é de 1.960,00 para uma jornada de 25 horas semanais em sala de aula.

Já outros professores declararam que as insatisfações estão mais atreladas as condições de trabalho, como a sobrecarga de atividades que devem ser administradas pelo professor como: diários, planos de aulas, entre outros. Incluindo ainda a quantidade de atribuições que se leva para o seu domicílio, tais como: elaborações de atividades, provas, trabalhos, correções, confecção de projetos etc. Além das dificuldades citadas anteriormente, o professor

tem que enfrentar os entraves dentro da sala de aula, a exemplo disso são: os excessos de conversas e o uso indevido do aparelho celular por parte dos alunos.

Em virtude do perfil docente diagnosticado na escola em questão, pode-se perceber que a análise feita pelos autores, traduz um perfil de professorado insatisfeito e que esse desgosto exerce grande influência sobre sua vida profissional e pessoal.

### **5.2.2 Perfil Discente**

A unidade escolar em questão é composta por alunos oriundos da classe média baixa. O turno vespertino é composto em sua maioria por alunos do interior do Município. O turno matutino concentra alunos com idade entre 7 e 18 anos, sendo que nos turnos vespertino e noturno a maioria encontra-se em defasagem idade/ano. O contexto escolar em relação ao comportamento do alunado apresenta pouca indisciplina e sempre que ocorrem os casos, as situações são resolvidas com a advertência escrita e oral.

No que se referem a lazer e cultura, nossos alunos não possuem espaços de lazer nas comunidades (povoados) os quais pertencem, participando apenas de festas de rua como: leilões e vaquejadas. No quesito religiosidade, temos evangélicos e católicos, sem manifestação de outras religiões.

O agravante identificado nas observações é o desinteresse pelos estudos. Infelizmente, muitos alunos não pretendem continuar estudando para seguir algum tipo de carreira profissional, percebe-se mais claramente esta situação quando iniciam as inscrições para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mesmo com todo o incentivo da escola e dos professores, ainda resistem por não pensarem na educação como a possibilidade de ascensão. O desinteresse pelos estudos e a falta de perspectiva do aluno é visível em grande parte do alunado. O interesse de estar na escola, está ligado apenas pela necessidade de concluir o ensino médio, e com isso pouco se importam com seu processo de aprendizagem. A gestão da unidade preocupa-se muito com esse desinteresse do alunado, neste sentido é que a própria coordenação pensa em alternativas para motivar esse público a pensar na possibilidade de viver uma experiência acadêmica.

### **5.3 CONHECENDO A CIDADE DE MONTE ALEGRE/SE**

A cidade de Monte Alegre de Sergipe está localizada na região do alto sertão sergipano, a 156 quilômetros de Aracaju Monte Alegre de Sergipe.



**Figura 4 – Mapa do Estado de Sergipe em destaque a cidade de Monte Alegre de Sergipe/SE.**

**Fonte: Página do blog [marciosertanejo.blogspot.com.br](http://marciosertanejo.blogspot.com.br)**

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a cidade de Monte Alegre fez parte do município de Porto da Folha, até 1932, o qual foi colonizado por Tomás Bermudes. Depois passou a ser do território de Nossa Senhora da Glória, mas foi no final do século XIX, que originou o primeiro núcleo populacional. Em 1940, era um pequeno povoado, com menos de 80 casas.

Ainda citando dados oriundos do IBGE, a cidade de Monte Alegre/SE foi fundada por José Inácio de Farias, proprietário das terras que atualmente pertencente à prefeitura. A primeira construção religiosa foi erguida em frente ao que atualmente é a prefeitura. Em 25 de novembro de 1953, a Lei estadual nº 525-A o referido povoado foi elevado à categoria de cidade. O município foi solenemente instalado no dia 31 de janeiro de 1955, quando foi empossado o primeiro prefeito, Antônio José de Santana.

Para Lima e Pinto (2005) o município está inserido na Bacia hidrográfica do rio São Francisco. O clima é do tipo semiárido e sempre foi marcado pelas longas fases de estiagem, o que levou muitos sertanejos a migrarem para outras regiões do país, especialmente, em busca de oportunidades de emprego nos centros urbanos como São Paulo. Essa região, a temperatura pode passar dos 40° ao dia e 20° ou menos a noite.

Quanto aos aspectos urbanos e rurais, assim como os demais municípios da região, Monte Alegre de Sergipe possui uma vasta área rural, sendo grande parte deste território dominado por uma vegetação do tipo caatinga. Já a área urbana é bem menor comparado a rural, mas a primeira oferece mais serviços que a última como: posto médico, escolas, saneamento, feira-livre etc.

No tocante a economia monte alegreense tem uma forte ligação com as atividades agropecuárias, especialmente, a criação bovina e suína com fins de abate, autoconsumo, produção de leite e seus derivados, além do plantio de feijão, fava, milho e palma.



**Figura 5 – Imagem da Feira Livre. Ano 2014.  
Fonte: Autores**

No quesito cultura, festas e religiosidades, a população esteve e está ligada a crença aos mitos e figuras lendárias como: o lobisomem, fogo-corredor, caipora etc. Já as festas são bastante tradicionais e atrativas, sobretudo, as juninas. Outra comemoração bem cotada é do padroeiro Sagrado Coração de Jesus no final do mês de maio até o início de junho, além de outras festividades nas denominações evangélicas locais.

Vale salientar que dentre as práticas culturais da região, a mais famosa é a vaquejada, muito presente nos povoados e espaços rurais. Uma prática cultural recreativa e de caráter competitivo muito comum em todo nordeste brasileiro e é na cidade em questão, que este esporte é perceptível ao longo do ano. O esporte da vaquejada, assim chamado por muitos da região, consiste na captura do boi, realizada por dois vaqueiros que tem que derrubar o animal com as patas viradas para cima.



**Figura 6- Vaqueiros em ordem de competição. Ano 2014. Fonte: autores.**



**Figura 7- Vista panorâmica da cidade de Monte Alegre/SE Ano 2012.**  
**Fonte: (<http://www.panoramio.com/user/6637617>)**



**Figura 8- Entrada da área urbana da cidade de Monte Alegre/SE Ano 2012.**  
**Fonte: (<http://www.panoramio.com/user/6637617>)**

## 5.4 DIAGNÓSTICO

O plano de intervenção aqui em destaque foi construído a partir do diagnóstico realizado na Escola Estadual 28 de Janeiro, que foi conduzido por algumas etapas, tais como observação da instituição e de seu funcionamento e a aplicação de entrevistas semiestruturadas para com o alunado (6º ano ao 9º ano) Fundamental maior e (1º ao 3º ano) Ensino médio da instituição referida.

Cabe salientar que todos os dados coletados e analisados, bem como a realidade do funcionamento da instituição, foram levados em consideração com o intuito de contribuir na (e para) a preparação deste plano. Não obstante, evitou-se traçar metas e objetivos que não sejam possíveis de serem executados.

As entrevistas contaram com a participação de funcionários (equipe de apoio e docentes) atuantes na Escola Estadual 28 de Janeiro que forneceram informações essenciais para a construção do plano de intervenção a ser executado na instituição.

O Plano de Intervenção Educacional foi construído a partir das demandas que identificadas nas observações realizadas na instituição escolar e nas análises dos dados dos respondentes. Dentre elas, destacam-se: a necessidade de se trabalhar o equilíbrio tocante às questões fúteis da adolescência como: a vaidade exagerada, o culto ao corpo e os gestos ostensivos.

As propostas de intervenção aqui mencionadas justificam-se, por meio das observações realizadas na instituição escolar, bem como pelas análises das entrevistas, nas quais foram expostas diversas situações e demandas que merecem uma intervenção.

Cabe salientar que todas as ações serão norteadas pelos resultados encontrados na análise de dados e nas observações realizadas no contexto escolar, onde iremos respeitar as condições necessárias para sua aplicabilidade na realidade da instituição ora mencionada como *locus*. Bem assim temos a intenção de desenvolver todas as ações dentro do ambiente escolar para que, desta forma, reforcem a consciência do papel da escola neste processo de busca pelos direitos infanto-juvenil.

## 5.5 DIALOGANDO COM OS DOCENTES

Em um questionário (Vide apêndice-1) realizado com dois professores do quadro escolar, foi constatado que eles identificam que a moda, o poder de consumo e a preocupação excessiva com a beleza são questões a serem trabalhadas no seio escolar. “Os alunos preocupam-se demasiadamente com a aparência”, conta a professora Dayane Oliveira. A

professora ainda explanou que busca conscientizar os estudantes e que discute o limite da vaidade, sobretudo, a aceitação daquele que é diferente. Outra fala pertinente de outro professor, diz que “Os alunos precisam refletir sobre esses temas, e não apenas em consumir”, diz Robson Santos, professor de geografia. Na opinião dos professores entrevistados, estar de acordo com os padrões de beleza é uma ideia impossível de mudar, mas é preciso cuidado com tanta preocupação com a aparência.

Em uma conversa em torno da vaidade com um grupo de alunos (a) do 9º ano com a professora de artes, alguns alunos revelaram que as expressões mais comuns no diálogo entre eles fazem alusão ao exibicionismo pessoal, e alguns desses alunos utilizam expressões como: “ Nois ostenta, porque tem”, “ A mina é vip”, “Top”, “Style” e “Patrão é patrão”, as quais fazem apologia a ostentação desordenada. Além dessas expressões, os jovens declararam que gostam de atrair a atenção, a admiração e a aceitação dos outros colegas, por isso se esforçam para estarem bonitos. Percebe-se que essa geração é chamada “Geração da ostentação”, na qual os jovens estão sempre buscando ter as melhores roupas, acessórios e outros objetos ligados a tecnologia, como o celular, o qual é o mais cotado. Tudo isso para preservar uma aparência exterior perfeita.

Os professores salientaram que este tipo de comportamento dos jovens advém dos caprichos consumistas de caráter ilusório e passageiro alimentados pelos próprios pais. É preciso que os pais entendam que atender a esses caprichos, não colabora positivamente no processo de crescimento pessoal dos seus filhos.

Os professores destacaram ainda que a parceria escola-família pode conduzir esses jovens a ampliarem a visão de si, mas somente a atuação desta parceria não é suficiente, sem a colaboração do Estado. Vale lembrar, que a formação do indivíduo, também é competência do Estado, dado que, sob a ótica legal é dever do Estado está atento para o conteúdo reproduzido pela mídia, já que a mesma é quem mais influencia o jovem de hoje a viver essa cultura da vaidade e do consumo. Observando a Constituição Federal nota-se o artigo 221 que determina que produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III– regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV– respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família;

Em virtude do que fora dialogado com os professores da instituição identificou que a situação em questão é oriunda dos caprichos alimentados pelos pais, além das influências dos meios de comunicação. Os professores, os pais e o Estado podem somar forças para combater esse assédio que convida o jovem a futilidade. Caso contrário, teremos uma geração futura de adultos fúteis, consumistas e imediatistas.

## 6. METODOLOGIA

A proposta interventiva conta com oficinas de dança incluindo em técnicas corporais (técnica de Klauss Vianna e improvisação), mas para compor as oficinas se faz necessário um levantamento bibliográfico, a pesquisa irá fazer parte de todo o processo de construção e sistematização a que se propõe esta intervenção, visto que “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (MANZO *apud* LAKATOS, 2003, p. 183).

No que se refere ao percurso metodológico, a intervenção se concretizará em etapas. A primeira etapa foi feito um levantamento bibliográfico, que resultou em análise. O levantamento consistiu numa análise das bibliografias pertinentes para compor a elaboração das oficinas. A busca fora iniciada por acervos das bibliotecas, nos livros, artigos periódicos, teses e outros materiais convenientes que servirão de inspiração sobre o assunto.

A segunda é a realização das oficinas de dança, que ocorrerão na instituição supracitada, organizadas pela dupla autora da proposta interventiva. As oficinas iniciarão em novembro do ano em curso, com a regularidade de um encontro semanal com duração de cinquenta minutos. O número de participantes das oficinas serão um quantitativo de 20 adolescentes.

Posteriormente, teremos a terceira etapa será a coleta de dados, o tal procedimento será esquematizado facilitando assim o desenvolvimento da intervenção e assegurará uma ordem lógica na execução das atividades entorno da proposta. Para tanto, utilizaremos os seguintes procedimentos metodológicos para coleta de dados: entrevista semiestruturada, questionários, diário de bordo, observação sistemática (com gravações de áudio e vídeo, de acordo com autorização prévia dos sujeitos da intervenção).

A entrevista semiestruturada tem um perfil espontâneo do que a convencional (estruturada), o coordenador (entrevistador) da oficina produzirá questões pertinentes ao projeto, sendo estas predefinidas, mas no ato da entrevista caso surja alguma necessidade de indagar algo, o professor tem livre espaço para proceder com as indagações. Esse momento é intitulado pelos idealizadores como “Rodinha de bate-papo”.

No que diz a respeito aos questionários, estes serão feitos com o intuito de gerar dados necessários para o processo do plano interventivo. Segundo Parasuraman (1991), um questionário é uma compilação de questões, que serve para atingir objetivos do projeto. O mesmo autor afirma que a confecção do questionário requer tempo e esforço, e, que não há uma metodologia única para elaborar os questionários.

Já o diário de bordo será uma forma que o coordenador da oficina registrar as atividades, os comentários, as impressões e reflexões em torno das oficinas. Uma maneira didática de se descrever até mesmo os entraves que possivelmente serão encontrados no percurso do projeto. Esta forma de registro escrito levará os idealizadores a criarem hábitos de pensar e repensar o ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos no projeto. No Diário de bordo (Vide apêndice-2) deve-se anotar principalmente o local, a data, a hora de início e fim das oficinas. Todas as oficinas finalizarão com uma avaliação, uma reflexão crítica deverá ser feita, escrevendo sempre as conclusões sobre tudo que ocorreu de bom ou ruim, principalmente, sobre todo o processo de desenvolvimento das oficinas, será basicamente o balanço final, mesmo que a oficina não seja bem-sucedida.

Observação sistemática (com gravações de áudio e vídeo, de acordo com autorização prévia dos sujeitos da intervenção). A observação será feita com o intuito de compreender o desenvolvimento dos alunos. Os observadores (os idealizadores) observarão todo processo das oficinas, guiados pelos objetivos que os norteiam. A observação processar-se-á repetida vezes até que se tenha captado informações suficientes para compreender o desenvolvimento.

Segundo ALVAREZ (1991), é algo comum e característico do homem fazer observações, modo básico reunir informações. Mas, é preciso que os idealizadores tenham cuidado, pois algo comum em oficinas de dança/técnicas corporais, o professor prestar mais atenção em algumas coisas, ou pessoas e não em outras, sobretudo, os alunos que mais se destacam por apresentarem destreza para a apreensão e execução dos movimentos. Segundo a autora, a observação, por vezes, pode ser ilusória, suposições e pré-conceitos podem desfigurar a experiência. Por estes motivos todos é necessária uma observação cuidadosa para a investigação de qualidade.

Novamente citando ALVAREZ (1991), a observação é o único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de fato. Na maioria das vezes, a observação é usada como uma condição para obter as reais informações. Toda observação com gravações de áudio e vídeo, devem estar ligado ao contexto de levantamento. Se caso for realizado gravações sem as cautelas devidas, poderá resultar apenas em meras gravações que pouco acrescentará ao conhecimento do observador (professor). Vale salientar, que as

gravações dos alunos, só serão realizadas, com a autorização prévia dos pais, inclusive o modelo da mesma (vide anexo-1) já está preparado e será entregue no primeiro dia da oficina.

Destaca-se que o arcabouço teórico selecionado e as experiências práticas que serão realizadas e assim como a análise dos dados coletados, serão de suma importância para concretização do projeto.

## 7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	PERÍODOS/SEMESTRES			
	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Pesquisa bibliográfica	X			
Observação e registro sobre os sujeitos			X	X
Reuniões da culpa (autores da proposta)	X	X	X	X
Implantação das oficinas			X	X
Coleta de dados		X	X	X
Análise dos dados		X	X	X
Preparação para construção do relatório				X

### 7.1 CRONOGRAMA DE AÇÕES DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

ATIVIDADES	DEZEMBRO/SEMANAS			
	Primeira Semana	Segunda Semana	Terceira Semana	Quarta Semana
Elaboração das Oficinas	X			
Realização das Oficinas	X	X	X	X
Entrega da autorização para o uso da imagem	X			
Elaboração das perguntas para a entrevista e questionário	X			
Realização da entrevista	X	X	X	
Aplicação do questionário				X
Captação de Áudio e Vídeo	X	X	X	
Preenchimento do diário de bordo (registro dos comentários, impressões e reflexões)	X	X	X	X

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse trabalho foi desenvolver uma proposta interventiva, de maneira significativa. Nesse sentido, foi elaborado um plano de intervenção que tem como foco investigar a ostentação do corpo do jovem adolescente e as técnicas corporais como um processo significativo, que leva o corpo que dança a observação e a descobrir novas formas de se ver.

Para os autores, na condição de educadores é desafiante conduzir um alunado a pensar uma nova maneira de ver o próprio corpo. A proposta deste plano de intervenção, é que a dança promova uma nova percepção do corpo no adolescente, levando-o a perceber seu corpo como uma esfera de ocorrências variadas, possibilidades e experimentos, vivenciando uma recongnição.

Para os idealizadores da proposta, é no ato de dançar que o corpo que dança, olha-se com um novo olhar, enxergando novos significados. Para elaboração desta proposta, os autores buscaram compreender o corpo por meio de técnicas corporais (Klauss Vianna e improvisação), procurando observar o processo das técnicas por meio de sua sistematização, sua aplicação e seus resultados em alunos que já vivenciaram a experiência com essa técnica. Mas não é só de prática que se faz uma intervenção, um estudo bibliográfico deu e dará suporte para aplicação do plano.

Para finalizar, reforça-se a fala de que pretendemos trabalhar futuramente com a implantação do plano de intervenção sem a intenção de esgotar a discussão, mas deixar os caminhos para novas pesquisas.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Marília Del Ponte; SIMÕES, Regina Maria Rovigati; GAIO, Roberta Cortez. **Dança na escola: um estudo a partir do discurso dos envolvidos. Movimento & Percepção.** Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 14, p. 297-318, jan./jun. 2009.
- ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballesterro. **Organização, Sistemas e Métodos.** São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ministério da Educação, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**, de 26 de dezembro de 1996. Brasília, MEC, 1996.
- CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- CARVALHO, Diogo. **Contato Improvisação. Benefícios do contato improvisação no desenvolvimento do ser humano.** Brasília/DF: 2004. Disponível em:

<<http://www.contatoimproviso.net/artigos/educacao/beneficios.html>> Acesso em: 12/10/2015.

CARTER, Curtis. 2000. **Improvisation in dance**. The Journal of Aesthetics and Art Criticism. p. 58-2. Primavera. 1999.

CERIBELLI, Cínthia. **Dança, bem-estar e autoconfiança**. São Paulo: Escala, 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. São Paulo. Saraiva: 2000.

COUTINHO, Luciana. (2002). **Ilusão e errância: Adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Erikson, Erik. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FINCO, Daniela. **A educação dos corpos femininos e masculinos na educação infantil**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 94-119.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FOUCAULT, MICHEL. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRIGUC, Lorena. et al . **A dança escolar no rendimento cognitivo e melhora no comportamento de alunos hiperativos**. VII Seminário internacional de educação: saberes docentes e formação profissional, Cachoeira do Sul, 2002. Disponível em: <<http://www.sieduca.com.br/2002/?secao=artigos/A51>> Acesso em: 12/10/2015.

KELEMAN, S. **O corpo diz sua mente**. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1996.

FREUD, Sigmund. **A psicologia do grupo e análise do ego**. Obras Completas Vol. XVIII, Ed. Standard Brasileira. Disponível: < [http://www.abrap.org/Obra\\_completas\\_Freud.htm](http://www.abrap.org/Obra_completas_Freud.htm)> Acesso em: 15/05/2014.

FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE. Dados Histórico-geográficos de Monte Alegre de Sergipe. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2016.

KATZ, Helena. Corpo e movimento II. In: GREINER, Christine; AMORIN, Claudia (orgs). **Leituras do Corpo**. São Paulo: Annablume, 2003, p. 78-88.

LIMA, J.U. & PINTO, J.E.S.P. A Dinâmica do Clima e a organização do espaço agrário em Monte Alegre de Sergipe, Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005.

Kimmel, D.C., & Weiner, I.B. **La adolescencia: Una transición del desarrollo**. Barcelona: Ariel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Um, Dois, Três: a dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKOFF, George; JONHSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge the western thought/** by George Lakoff and Mark Jonhson, 1999.

MAUSS, Marcel (1936). **Les techniques Du corps**. Journal de Psychologie, XXXII, nº 3-4, 15 mar-15 abr. Comunicação apresentada na Societé de Psychologie em 17 de maio de 1934. Retirado de Sociologie et antropologie. Paris: PUF, 1996, PP 370-371.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**- Sistematização da Técnica Klaus Vianna. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Qual é o Corpo que Dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública da Educação Básica do Estado do Paraná**: ARTE, Curitiba, 2008.
- PARASURAMAN, A. **Marketing Research**. 2ª ed. Addison. Wesley Publishing Company, 1991.
- PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade de ensino**. São Paulo: Ática, 2007.
- PAXTON, Steve; NELSON, Lisa. **Improvisação**. UFBA, 1999. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/com024/contact/artigo2.html>>. Acesso em: 12/10/2015.
- SAYÃO, D. T. (2002): “**Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil**”, in: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T., e PINTO, F. M. (Org.): **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física**. Florianópolis: Ed. da UFSC
- ROSA, L. Uma experiência fenomenológica: o corpo que dança. In: XAVIER, J.; MEYER, S.; TORRES, V. (orgs). **Coleção dança cênica: Pesquisas em dança**. v.1, Joinville: Letradágua, 2008.
- SOARES, Andresa. **Improvisação e dança: conteúdos para a dança na Educação Física**. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.
- STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança**. São Paulo: Papyrus, 2006.
- TIERNO, Barnabé. **A psicologia dos jovens e adolescentes**. São Paulo: Paulus, 2007.
- UCHÔGA, Liane Aparecida Roveran; PRODÓCIMO, Elaine.; **Corpo e movimento na educação infantil**. Motriz : Revista de Educação Física, Rio Claro, v.14, n.3, p. 222-232, jul./set. 2008.
- URIOSTI, Marcos. **A manifestação da vaidade na adolescência e juventude**. Disponível em: <<http://www.a12.com/jovens-de-maria/noticias/detalhes/a-manifestacao-da- vaidade-na-adolescencia-e-juventude>>. Acesso em: 12/05/2014.
- VAZ, Alexandre Fernandez. **Aspectos, contradições e mal-entendimentos da educação do corpo e a infância. Motrivivência**. Florianópolis, v.13, n. 19, p. 7-11, 2002b.
- VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

**APÊNDICE - 1**  
**DIÁRIO DE BORDO**

DATA DA OFICINA	LOCAL	HORÁRIO	TÉCNICA TRABALHADA	OFICINEIRO	ALUNO ENVOLVIDO	DESENVOLVIMENTO



Nome do Observador:

## APÊNDICE-2

### QUESTIONÁRIO DOCENTE

Prezado Professor, este questionário visa coletar a sua opinião sobre vários aspectos do comportamento dos adolescentes (alunado) da Escola Estadual 28 de Janeiro quanto a sua preocupação com a aparência física, responda todas as questões. Favor se identificar ao preencher o questionário. A sua opinião é muito importante para orientar na confecção deste Plano de Intervenção.

1. Sexo:

- a) Feminino
- b) Masculino

2. Idade:

R:

3. Formação:

- a) Professor Graduado
- b) Professor Especialista
- c) Professor Mestre
- d) Professor Doutor
- e) Professor Livre Docente

4. Categoria funcional:

- a) Efetivo
- b) Cedido
- c) Contratado

5. Regime de trabalho:

- a) 20 horas
- b) 40 horas

6. A adolescência é uma fase delicada do desenvolvimento. Como você quanto profissional da educação que lida diretamente com este público ver a vaidade no jovem de hoje?

R:

7. Você acha que é importante que o adolescente aprenda a lidar com as questões da vaidade? Justifique sua resposta.

R:

8. Você acha que os gestos ostensivos impulsionam o crescimento e o desenvolvimento do jovem?

R:

9. Existe o lado ruim da vaidade, isto é um fato identificado no interior das unidades escolares, sobretudo, quando o excesso de vaidade se torna uma obsessão. Como você (professor) constata essa negatividade no seu cotidiano didático?

R:

10. Quais razões identificadas nos adolescentes que não gostam da aparência que possui?

R:

11. O que os pais devem ensinar aos jovens sobre a vaidade?

R:

12. O excesso de vaidade pode levar os adolescentes a ter problemas no seu convívio escolar?

R:

13. Como os pais devem orientar os filhos em relação ao desejo do consumo imediato muito comum no universo juvenil?

R:

14. Crianças e adolescentes muito vaidosos podem se tornar individualistas e egoístas?

R:

**ANEXO-1**

**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

\_\_\_\_\_ (nome do aluno (a)),  
 \_\_\_\_\_ (nacionalidade), \_\_\_\_\_ (estado civil),  
 \_\_\_\_\_ (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº  
 \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF. sob nº \_\_\_\_\_, residente à Rua  
 \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_,

**AUTORIZO** o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas para uso interno da Escola Estadual 28 de Janeiro portadora do CNPJ: 01.883.475/0001-36 desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Monte Alegre de Sergipe/SE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 2015.

\_\_\_\_\_

Nome do aluno ou responsável legal:

## ANEXO-2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA  
Curso de Especialização em Direitos Infante-Juvenis no  
Ambiente Escolar  
(Escola que Protege)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a). para participar do Plano de Intervenção “xxxxxxxxxxxx”, que será realizado na “escola (?)” trabalho vinculado “ Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Centro de Educação Superior à Distância CESAD e pretende levantar dados sobre xxxxxxxxxxxx. O pesquisador responsável pelo projeto JOSÉ NUNES, sob orientação da profa. xxxxxxxxxxxx, pede autorização para realizar uma Entrevista com dados relevantes sobre esse assunto.

Se o(a) Sr(a). concordar em participar desse levantamento de dados, as informações prestadas serão de grande utilidade para traçar um quadro sobre a realidade do sistema educacional na cidade de xxxxxx, como na Rede Estadual de Educação (?).

Se depois de participar da entrevista, o Sr(a) não quiser que seus dados sejam utilizados, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem qualquer prejuízo. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá qualquer vantagem ou remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo para sempre. Para qualquer outra informação ou esclarecimento de qualquer dúvida relacionada à presente pesquisa, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o(a) pesquisador(a) pelo telefone \_\_\_\_\_ ou pelo e-mail: \_\_\_\_\_.

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e por que precisa da minha colaboração, e entendi a explicação.

Assim, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que terei minha identidade resguardada. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinado, que vou guardar.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura d(a) participante)

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
cidade, data

\_\_\_\_\_  
(Pesquisador/a)

## ANEXO-3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA  
Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no  
Ambiente Escolar  
(Escola que Protege)



## CARTA DE COMPROMISSO DE PESQUISA

DADOS DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
<b>Instituição de Ensino:</b>	Universidade Federal de Sergipe – UFS Centro Superior de Educação à distância – CESAD
<b>Curso:</b>	Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege)
<b>CNPJ:</b>	
<b>Endereço:</b>	Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos” Jardim Rosa Elze s/nº, Departamental III, sala 01
<b>Cidade/Estado:</b>	São Cristóvão / SE

DADOS DO DISCENTE/PESQUISADOR			
<b>Discente/pesquisador:</b>			
<b>Matrícula:</b>		<b>Tel/Cel:</b>	
<b>Endereço:</b>			
<b>Cidade:</b>		<b>CEP:</b>	
<b>CPF:</b>	<b>RG:</b>	<b>ÓRGÃO EXPEDIDOR:</b>	<b>UF:</b>
<b>E-mail:</b>			
<b>Orientador:</b>			
<b>Telefone:</b>			
<b>E-mail:</b>			

## DADOS DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

PARA PESQUISAS REALIZADAS EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO:	
<b>Escola:</b>	
<b>Telefones:</b>	<b>Código Inep:</b>
<b>Endereço:</b>	
<b>Cidade:</b>	<b>CEP:</b>
<b>Diretor ou Coordenador responsável na escola:</b>	
<b>Telefones:</b>	
<b>E-mail:</b>	

<b>PARA PESQUISAS REALIZADAS EM OUTROS ESTABELECIMENTOS:</b>	
<b>Local de realização da pesquisa:</b>	
<b>CNPJ:</b>	
<b>Telefones:</b>	
<b>Endereço:</b>	
<b>Cidade:</b>	<b>CEP:</b>
<b>Responsável pelo estágio:</b>	
<b>Telefones:</b>	
<b>E-mail:</b>	

**Cláusula 1ª:** O presente termo de compromisso formaliza a realização de pesquisa para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Plano de Intervenção **de caráter obrigatório**, para o recebimento do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infante-Juvenis no Ambiente Escolar – Escola que Protege, visando a realização de atividades compatíveis com a programação curricular e projeto pedagógico do curso.

**Cláusula 2ª:** O aluno/pesquisador desenvolverá as suas atividades na área de educação e direitos infante-juvenis, constando em seu Plano de Atividades a realização de entrevistas com professores ou profissionais ligados a redes de proteção, realização de observação de campo e levantamento/pesquisa de documentação da instituição como Projeto Pedagógico, Regimento Interno, Currículo, Projetos, entre outros.

**Cláusula 3ª:** A pesquisa será realizada no período de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Cláusula 4ª:** Não há jornada de atividade de estabelecidas, o aluno/pesquisador atuará de acordo com dias e horários previamente estabelecidos com o responsável pela instituição em questão.

**Cláusula 5ª:** São obrigações da INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB):

- a) notificar a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE quando ocorrer a transferência, trancamento de curso, abandono ou outro fato impeditivo da continuidade do estágio;
- b) indicar orientador da área a ser desenvolvida no estágio para acompanhar e avaliar as atividades do estagiário;

**Cláusula 6ª:** São obrigações do ALUNO/PESQUISADOR:

- a) cumprir com empenho e interesse toda a programação estabelecida para seu estágio;
- b) observar e cumprir as normas internas da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, inclusive as relativas ao sigilo e confidencialidade das informações a que tiver acesso;
- c) *informar imediatamente à INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB) a rescisão antecipada do presente termo para que possam adotar as providências administrativas cabíveis;*
- d) informar de imediato a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE qualquer fato que interrompa, suspenda ou cancele sua matrícula na *INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB)*;
- e) manter atualizado, junto INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, seus dados pessoais e escolares.
- f) assinar o presente termo e entregar uma via a cada parte;

**Cláusula 7ª:** São obrigações da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE:

- a) ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

- b) indicar um funcionário de seu quadro de pessoal com formação ou experiência profissional compatível com a área de conhecimento do estagiário, que deve atuar de forma integrada com o orientador da Universidade de Brasília;
- c) entregar, ao final de realização do estágio, declaração que confirme a presença e participação do aluno/pesquisados.

**Cláusula 8ª** - O presente Termo de Compromisso de Pesquisa somente poderá ser prorrogado ou alterado mediante assinatura de termo aditivo, podendo, no entanto, ser:

- a) extinto automaticamente ao término do estágio;
- b) rescindido por deliberação da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE ou do Aluno Pesquisador;
- c) rescindido por conclusão, abandono ou trancamento de matrícula do curso realizado pelo estagiário.

**Cláusula 9ª** – A INSTITUIÇÃO DE ENSINO, a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, e o ALUNO PESQUISADOR, signatários do presente Termo de Estágio, de comum acordo com os termos ora ajustados, assinam o presente instrumento, em três vias de igual teor e forma, para que surta seus efeitos jurídicos e legais.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Aluno/Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Coordenadora do Curso Escola que Protege  
(assinatura e carimbo)

\_\_\_\_\_  
Instituição concedente  
(assinatura e carimbo)